

LEITURA

Extraído do Livro de *Henry David Thoreau*
“*Walden ou Minha Vida nos Bosques*”

Com um pouco mais de deliberação na escolha de seus objetivos, possivelmente todos os homens se tornariam em essência estudiosos e observadores, porque sem a menor dúvida a natureza e o destino de cada um interessam de igual maneira a todos. Ao acumular bens para nós ou para nossos descendentes, ao fundar uma família ou um estado, ou ainda ao alcançar a fama, somos mortais; mas ao lidarmos com a verdade somos imortais e não precisamos temer mudanças ou acidentes. O mais antigo filósofo egípcio ou hindu levantou uma ponta do véu que cobria a estátua da divindade; essa trémula túnica ainda permanece levantada, e eu contemplo uma glória tão fresca como a que contemplou o filósofo, já que era eu nele quem se mostrou tão audacioso àquela época, e é ele em mim quem agora torna a observar a visão. Poeira nenhuma se depositou sobre essa túnica; tempo nenhum decorreu desde que tal divindade foi revelada. O tempo que aproveitamos realmente, ou que é aproveitável, não é passado, nem presente, nem futuro.

Mais que uma universidade, minha residência favorecia não apenas a meditação, mas também a leitura em profundidade; e embora me encontrasse fora do alcance da biblioteca de empréstimos comum, estava mais que nunca influenciado por aqueles livros que circulam ao redor do mundo, cujas frases foram escritas originalmente em cascas de árvores e agora são copiadas, de tempos em tempos, em papel de linho. Diz o poeta Mir Camar Uddin Mast: *"Percorrer as regiões do mundo espiritual enquanto estou sentado, eis uma vantagem que achei nos livros. Embriagar-me com um único copo de vinho, eis o prazer que experimentei quando bebi o livro das doutrinas esotéricas."* Por todo o verão deixei a *Ilíada* de Homero em cima da mesa, embora só a folheasse de vez em quando. Por princípio, as mãos constantemente ocupadas, pois à mesma época concluía a casa e cultivava os feijões, foi impossível mais estudo. Entretanto me consolava com a perspectiva de semelhante leitura no futuro. Nos intervalos do trabalho, li um ou dois livros de viagem superficiais, até que me envergonhei disso e me questioneei onde é que eu vivia afinal.

O estudioso pode ler Homero ou Ésquilo em grego sem risco de dissipação e epicurismo, pois a leitura até certo ponto o leva a imitar seus heróis e consagrar horas matinais a suas páginas. Os livros heróicos, mesmo quando impressos nos caracteres de nossa língua materna, em tempos decadentes serão sempre em língua morta, e devemos procurar o significado de cada palavra e de cada linha laboriosamente, aventando sentidos que o uso comum não permite, lançando mão de nosso talento, sabedoria e generosidade. A imprensa moderna, de pouco valor e abundante, com todas as suas traduções, tem feito pouco para nos colocar em contato com os escritores heróicos da antiguidade. Estes permanecem tão solitários como sempre e as letras usadas na impressão das suas obras são raras e excêntricas. Vale a pena empregar dias da juventude e horas preciosas aprendendo ao menos algumas palavras de língua clássica, recrutadas fora da vulgaridade das ruas e fontes perpéuas de sugestões e provocações. Não é em vão que o agricultor recorda e repete as poucas palavras latinas que ouviu. Às vezes as pessoas comentam que o estudo dos clássicos acaba por abrir caminho a estudos mais modernos e práticos; mas o estudante ousado sempre se dedicará aos clássicos, em qualquer

língua que estejam escritos e por mais antigos que sejam. Pois os que são os clássicos se não o registro dos mais nobres pensamentos do homem? São os únicos oráculos que não entraram em decadência e há neles respostas a indagações atuais como Delfos e Dodona nunca deram. Poderíamos também deixar estudar a Natureza porque é velha. Ler bem, isto é, ler livros verdadeiros com espírito verdadeiro, é um nobre exercício que põe à prova o leitor mais do que qualquer outro exercício tido em alta conta nos hábitos contemporâneos. Exige um treinamento semelhante àquele a que se submetem os atletas, a firme perseverança de quase toda a vida nesse objetivo. Os livros devem ser lidos com o mesmo cuidado e circunspeção com que foram escritos. Não basta, inclusive, ser capaz de falar a língua do país em que foram escritos, pois não se pode esquecer a distância entre a linguagem falada e a escrita, a que se ouve e a que se lê. A primeira é comumente transitória, som, fala simples dialeto quase irracional que aprendemos com nossas mães, inconscientemente que nem animais. A outra representa sua maturidade e experiência. Se a primeira é nossa língua materna, a segunda é nossa língua paterna, expressão selecionada e discreta, demasiado significativa para ser captada pelo ouvido, e para poder falá-la precisamos renascer. Na Idade Média as multidões que apenas *falavam* o latim e o grego não estavam capacitadas pelo mero acidente de nascimento a ler as obras-primas escritas em tais línguas, já que não estavam escritas naquele latim ou grego que elas conheciam, mas linguagem especial da literatura. Essas multidões não haviam aprendido os mais nobres dialetos da Grécia e de Roma, e o material em que se escreviam estes não passava de lixo para elas, que davam preferência à literatura contemporânea de má qualidade. No momento, porém, em que as várias nações Europa adquiriram linguagens escritas próprias, distintas bem que rudes, mas aptas aos propósitos de suas literaturas nascentes, logo a cultura renasceu e os eruditos puderam então discernir, a partir daquela distância, os tesouros da antiguidade. O que a massa de romanos e gregos não podia *ouvir*, após lapso de séculos, pequeno número de doutos podia *ler*, e continua lendo até hoje.

Por mais que possamos admirar as ocasionais explosões de eloquência dos oradores, as mais nobres palavras escritas situam-se, geralmente, muito além e acima da fugidia linguagem oral, assim como o firmamento com suas estrelas fica muito além das nuvens. Existem estrelas e leitores a sua altura. Constantemente os astrónomos estão comentando sobre elas e observando-as. Não são exalações como nossas conversas cotidianas e o vapor de nosso hálito. O que se chama de eloquência no tribunal geralmente se revela à análise como sendo retórica. O orador entrega-se à inspiração de um momento efêmero, ergue-se à turba diante dele, aos que podem *ouvi-lo*; já o escritor cuja vida mais estável é sua necessidade, e que se distrairia com o evento e a audiência que inspiram o orador, dirige-se à mente e ao coração da humanidade, a todos em qualquer época capazes de entendê-lo.

Não é de se admirar que, em suas excursões, Alexandre levasse consigo a *Ilíada* dentro de um cofre precioso. A palavra escrita é a relíquia por excelência. É algo ao mesmo tempo mais íntimo de nós e mais universal que qualquer outra obra de arte. É a obra de arte mais próxima da própria vida. Pode ser traduzida em todas as línguas, e não apenas ser lida, mas proferida de fato por todos os lábios humanos; não apenas ser representada em tela ou mármore, mas esculpida no sopro da própria vida. O símbolo do pensamento do homem antigo tornou-se a fala do homem moderno. Dois mil verões conferiram aos monumentos da literatura grega, bem como a seus mármore, apenas o matiz outonal de um dourado mais maduro, porque levaram suas próprias atmosferas serenas e celestiais a todos os recantos da terra para protegê-los contra a corrosão do tempo. Os livros são a riqueza do mundo entesourada e o justo legado de gerações e nações. Os livros mais antigos e melhores permanecem de maneira natural e adequada nas prateleiras de todos os chalés. Não precisam alegar nada, mas o bom senso do leitor não os recusará enquanto encontrar neles instrução e sustento. Seus

autores constituem aristocracia genuína e irresistível em toda sociedade, e, mais do que reis e imperadores exercem influência na humanidade. Quando o comerciante analfabeto, talvez desdenhoso, já conquistou com arrojo e trabalho sua cobiçada folgança e independência, passando a ser admitido nos círculos da riqueza e da moda, volta-se por fim, inevitavelmente, para aqueles círculos ainda mais elevados inacessíveis do intelecto e do espírito, momento em que percebe a imperfeição de sua cultura a par da vaidade e inciência de todas as suas posses, e manifesta, daí em diante, bom senso pêlos esforços no sentido de assegurar aos filhos cultura intelectual cuja falta sente de modo agudo; e é assim que se transforma no fundador de uma família.

Aqueles que não aprenderam a ler as obras clássicas antigas na língua em que foram escritas, devem ter um conhecimento muito imperfeito da história da raça humana; porque é de se notar o fato de que não tenham sido transcritas nenhuma em língua moderna, a menos que consideremos nossa própria civilização como sendo essa transcrição. Até hoje Homero não foi editado em inglês, nem Ésquilo, nem mesmo Virgílio — e suas obras tão refinadas e tão solidamente estruturadas são quase tão belas como a própria manhã; pois escritores que lhes sucederam, diga-se o que se disser de seus talentos, raramente conseguiram, caso algum dia tenham conseguido, igualar-se aos antigos na beleza elaborada, no acabamento e na perenidade da literatura heróica. Só falam em esquecê-los aqueles que jamais os conheceram. Será ainda bastante cedo para esquecê-los, quando dispusermos de cultura e espírito capazes de frequentá-los e apreciá-los. Quão rica não será de fato a idade em que se acumularem ainda mais as relíquias que chamamos de Clássicos, juntamente com os escritos de outras nações ainda mais antigos e clássicos, se bem que menos conhecidos, quando os Vaticanos se superlotarem de Vedas, Zendavestas e Bíblias, de Homeros, Dantes e Shakes-peares, e todos os séculos vindouros depositarem sucessivamente seus trofeus no fórum do mundo! Com tal pilha de livros podemos esperar, por fim, escalar o céu.

As obras dos grandes poetas até hoje não foram lidas pela humanidade, porque só grandes poetas podem lê-las. Só foram lidas como a multidão lê as estrelas, quando muito astrologica-mente, e não astronomicamente. A maioria dos homens aprendeu a ler tendo em vista a utilidade mesquinha, do mesmo modo que aprendeu a calcular a fim de tomar nota das receitas e despesas e não ser trapaceado nos negócios; mas da leitura enquanto exercício intelectual nobre, pouco ou nada sabe; contudo isso é que é leitura em acepção elevada, não aquela que nos embala como um luxo e adormenta nossas mais nobres faculdades, e sim a que nos mantém expectantes e à qual devotamos nossas horas mais alertas e despertas.

Penso que tendo aprendido as letras, devíamos ler o que há de melhor em literatura, e não ficarmos sempre a repetir o bê-a-bá e os vocábulos de uma sílaba, sempre nas classes elementares, estagnados nas formas mais baixas e primárias a vida inteira. A maioria dos homens fica satisfeita se lê ou ouve ler, e se porventura foi convencida pela sabedoria de um bom livro, a Bíblia, o resto da vida vegeta e dissipa suas faculdades na chamada leitura fácil. Em nossa Biblioteca de Empréstimos há obra em vários volumes intitulada *Little Reading* (Breve leitura), que eu pensava referir-se a uma cidade com esse nome na qual nunca estive. Há pessoas que, feito corvos-marinheiros e ostras, podem digerir toda espécie de coisas, mesmo depois do mais substancial jantar de carnes e legumes, tudo que não suportam ver nada desperdiçado. Se alguns são as máquinas de produzir essa forragem seca, outros são as máqui-nas de degluti-la. Lêem a nona milésima história de Zebulão e Sofronia, de como se amaram como nunca ninguém antes se amou, de como tampouco decorreu suavemente o curso do amor deles; e como, de qualquer modo, se desenrolou e tropeçou e se levantou novamente e foi em frente! Lêem como aquele pobre coitado, que não deveria ter subido nem ao campanário, conseguiu chegar até seu píncaro; e então, tendo desnecessariamente levado o personagem àquelas alturas, o afortunado novelista toca o sino convocando

todo o mundo para reunir-se ali e ouvir: Ó meu Deus! como será que ele vai sair dali?! Quanto a mim, penso que seria melhor metamorfosearem todos esses pretensos heróis da novelística universal em cata-ventos, do mesmo modo costumavam colocar os heróis entre as conteslações, deixando-os girar e girar até que se gastassem, em vez de virem aqui baixo aborrecer os homens honestos com suas estrepolias. A próxima vez que o novelista tocar o sino, não moverei um dedo, nem mesmo se o templo pegar fogo. *"O salto do Tip-Toe-Hop, romance medieval do celebrado autor de Tittle-Tol-Tan, a sair em folhetins mensais; grande procura; não se amontoem!"* Lêem tudo isso com olhos grandes feito pires, tomados de uma curiosidade viva e rudimentar, e insaciável estômago cujas branas ainda não precisam de estimulante, exatamente como um aluninho de quatro anos com a sua Cinderela de dois centavos, em edição de capa dourada, e sem nenhum melhoramento evidente na pronúncia, na acentuação, na ênfase, ou em qualquer nova habilidade no extrair ou inserir a moral da fábula. O resultado é embotamento da visão, paralisia da circulação vital, delíquio generalizado e despojamento de todas as faculdades intelectuais. Essa espécie de pão de gengibre é assada com mais assiduidade que o pão de trigo puro ou o misto de centeio e milho, diariamente, em quase tudo quanto é forno, e além disso encontra mercado mais seguro.

Os melhores livros não são lidos nem por aqueles a quem chamamos bons leitores. A que equivale a nossa cultura Concord? Não há nesta cidade, com pouquíssimas exceções nenhum gosto pelos melhores livros ou pelos muito bons, mesmo os de literatura inglesa, cujas palavras todos podem ler soletrar. Até as pessoas educadas em faculdades e as preparadas para as profissões liberais, tanto aqui como em outros lugares, realmente têm pouco ou nenhum conhecimento dos clássicos ingleses; e quanto à sabedoria humana registrada, os clássicos antigos e os livros bíblicos, acessíveis a todos os que desejam conhecê-los, em qualquer parte são insignificantes os esforços feitos no sentido de familiarizar-se com eles. Conheço um lenhador de meia idade que compra um jornal francês, não pelas notícias, segundo diz, já que está acima **disso**, mas *"manter-se exercitado na língua"*, sendo ele canadense de nascimento; e quando lhe pergunto sobre o que considera a melhor coisa a fazer neste mundo, responde que é, ao lado disso, servir e enriquecer o seu inglês. Eis, aproximadamente, o que as pessoas educadas em geral fazem ou aspiram fazer, adquirindo para isso um jornal em inglês. Quem acabou de ler talvez um dos melhores livros escritos em inglês, encontrará quantas pessoas com quem comentá-lo? Suponde quem acabou de ler um clássico grego ou latino no original, desses cujos louvores são familiares até aos chamados analfabetos; não encontrará absolutamente ninguém com quem falar, devendo silenciar a respeito. Na verdade, a duras penas encontramos em nossas faculdades o professor que, tendo dominado as dificuldades da língua, domine em igual proporção as dificuldades do espírito e da poesia de um poeta grego, e comunique alguma simpatia ao atento e heróico leitor; e quanto às sagradas escrituras, ou a bíblia da humanidade, quem nesta cidade pode pelo menos citar-lhe os títulos dos livros? A maioria das pessoas não sabe nem mesmo que outros povos além do hebreu tiveram uma escritura. Um sujeito, qualquer um, se desviará bastante de seu caminho para apanhar um dólar de prata; mas eis aqui palavras de ouro, proferidas pelos homens mais sábios da antiguidade e cujo valor nos tem sido garantido pelos sábios de sucessivas gerações; contudo aprendemos a ler apenas as leituras fáceis, as cartilhas e os livros escolares, e ao deixarmos a escola, a "Little Reading" e os livros de história destinados a garotos principiantes; e nossa leitura, conversa e pensamento ficam em baixíssimo nível, digno de pigmeus e manequins. Desejo entrar em contato com homens mais sábios que os engendrados pelo solo de Concord, e cujos nomes mal se conhecem aqui. Ou devo ouvir falar de Platão sem nunca ler sua obra? É como se fosse meu concidadão e eu nunca o visse, meu vizinho de porta e eu nunca o tivesse ouvido falar ou prestar atenção na sabedoria de suas palavras. Como é que isso efetivamente,

acontece? Seus Diálogos, que contêm o que havia de imortal nele, repousam na prateleira próxima, e contudo nunca os li. Somos sub-educados, atrasados e analfabetos; e neste particular confesso que não faço distinção muito grande entre a ignorância do meu concidadão que não sabe absolutamente ler, e a ignorância do que aprendeu a ler apenas o que se destina a crianças e inteligências medíocres. Deveríamos estar à altura dos grandes da Antiguidade, mas em parte saber primeiro como foram excelentes. Somos uma raça de homens-passarinhos e em nossos voos intelectuais mal nos alçamos um pouco acima das colunas do jornal. Nem todos os livros são tão insípidos como seus leitores. É provável que haja palavras endereçadas exatamente a nossa condição, as quais, se pudéssemos ouvi-las e entendê-las de fato seriam mais salutares a nossas vidas que a própria manhã ou a primavera, e nos revelariam talvez, uma face inédita das coisas. Quantos homens não inauguraram nova etapa na vida a partir da leitura de um livro! Deve existir para nós o livro capaz de explicar nossos mistérios e nos revelar outros insuspeitados. As coisas que ora nos parecem inexprimíveis, podemos encontrá-las expressas em algum lugar. As mesmas questões que nos inquietam, intrigam e confundem, foram colocadas por sua vez a todos os homens sábios; nenhuma foi omitida, e cada um deles respondeu-as de acordo com a sua capacidade, por meio de palavras ou da própria vida. De mais a mais, junto com a sabedoria aprenderemos a liberalidade. O solitário assalariado de uma fazenda nos arredores de Concord, que passou por seu renascimento e especial experiência religiosa e se crê arrastado pela fé para a gravidade silenciosa e o exclusivismo pode pensar que seja mentira, mas Zoroastro, mil anos atrás, viajou pela mesma estrada e teve a mesma experiência. No entanto, na condição de sábio, não ignorava que ela fosse universal e tratou seus próximos de maneira adequada, chegando até, segundo se diz, a inventar e estabelecer o culto entre os homens. Que ele, portanto, comungue humildemente com Zoroastro, e através da influência liberalizadora de todos os grau homens, de Jesus Cristo inclusive, permita que a *"nossa igreja"* naufrague.

Vangloriamo-nos de pertencer ao século dezenove e de estar dando passadas mais rápidas que qualquer outra nação. Mas ponderemos quão pouco esta cidade tem feito por sua cultura. Não desejo incensar meus concidadãos, nem tampouco ser incensado por eles, porque isso não melhorará nenhum de nós. Precisamos ser provocados, aguilhoados feito os bois, para que caminhemos depressa. Contamos com um sistema de escolas públicas relativamente decente, mas só para crianças; não se falando no precário liceu durante o inverno e, nos últimos tempos, no embrião de uma biblioteca sugerida pelo Estado, não há escola para nós. Gastamos mais com os artigos que se destinam à nossa alimentação física e à doença do que com os destinados a nutrir a mente. Já é tempo de contarmos com escolas além das elementares e de não abandonarmos nossa educação quando entramos na adolescência. Já é tempo de os povoados se transformarem em universidades, e de seus notáveis se tornarem membros dos conselhos universitários, com disponibilidade — se estiverem de fato em condições — para se dedicarem a estudos liberais pelo resto da vida. Será que o mundo se reduzirá para sempre a uma Paris ou a uma Oxford? Não podem os estudantes morar aqui e receber uma educação liberal sob os céus Concord? Não podemos contratar um Abelardo como nosso professor? Ai de nós! Com essa história de dar forragem ao gado e cuidar dos estoques, somos afastados por muito tempo da escola e nossa educação é negligenciada de maneira triste. Neste país, o povoado deveria, em alguns aspectos, ocupar a posição do nobre europeu. Deveria ser o patrono das belas-artes, pois é bastante rico e carece apenas de magnanimidade e refinamento. O povoado pode gastar dinheiro suficiente em coisas valorizadas por agricultores e comerciantes, mas é considerada utópica a proposta de despender dinheiro em coisas que homens mais inteligentes sabem valer muito mais. Esta cidade gastou dezessete mil dólares no prédio de uma prefeitura, graças à prosperidade ou à política, mas provavelmente num século não gastará tanto com o espírito vivente, a verdadeira carne a ser colocada

naquela concha. Os cento e vinte e cinco dólares, detinados anualmente ao liceu durante o inverno, são melhor empregados do que qualquer outra soma equivalente arrecadada na cidade. Se vivemos no século dezenove por que não usufruir as vantagens que nos oferece? Por que seria provinciana nossa vida? Se vamos ler jornais, por que não deixar de os boatos de Boston e adquirir logo o melhor jornal do mundo em vez de ficar mamando na teta de jornais familiares neutros ou folheando "*Olive-Branches*" aqui na Nova Inglaterra? Que as comunicações de todas as sociedades cultas cheguem até nós, e veremos se sabem alguma coisa. Por que deixaríamos a cargo de Harper & Brothers e de Redding & Co. selecionar nossa leitura? Como o fidalgo de bom gosto que se cerca de tudo quanto contribui para sua cultura — gênio, erudição, espírito, livros, quadros, estátuas, música, instrumentos filosóficos e coisa que o valha — assim deveria fazer o povoado, em vez de parar de repente diante de um pedagogo, um pároco, um sacristão, uma biblioteca paroquial e três homens seletos, só porque nossos antepassados, os peregrinos, atravessaram um inverno frio num rochedo desolado, na companhia deles. Agir coletivamente está de acordo com o espírito de nossas instituições; e estou certo de que, como nossas circunstâncias são mais florescentes, nossos recursos são maiores do que os do aristocrata. A Nova Inglaterra está em condições de contratar todos os homens sábios do mundo para virem aqui nos ensinar, hospedá-los enquanto for preciso e deixar de ser provinciana de uma vez por todas. Eis a escola *particular* de que carecemos. Em vez de nobres, tenhamos povoados nobres. Se necessário for, deixemos de construir uma ponte sobre o rio, dando uma volta maior naquele trecho, e lancemos pelo menos um arco sobre o mais escuro golfo da ignorância que nos rodeia.

Henry David Thoreau

*Walden; or, Live in the Woods (Walden ou
Minha Vida nos Bosques)*

Boston: Ticknor and Fields, 1857.



WALDEN;
OR,
LIFE IN THE WOODS.

By HENRY D. THOREAU,
AUTHOR OF "A WEEK ON THE CONCORD AND MERRIMACK RIVERS"



I do not propose to write an ode to dejection, but to brag as lustily as chanticleer in the morning, standing on his roost, if only to wike my neighbors up. — Page 52.

BOSTON:
TICKNOR AND FIELDS.
M DCCCLVII.